

① O meio técnico-científico-informacional é um conceito que possui várias abordagens e uma clara evolução epistêmica na medida em que a sociedade e o capitalismo se transformam, assim como a geografia se aprofunda sobre o tema.

Um dos primeiros autores a citar o termo foi Marc Sorru (1948), chamando a evolução do meio natural de meio técnico-científico. Andrei Siegfried (1955) também usa o conceito e demarca o seu surgimento a partir do final do Século XVIII e início do Século XIX, quando se inicia um processo de mecanização do território.

Os autores sinalizam que o meio natural era caracterizado pelas escolhas que o homem fazia na sua relação com a natureza e na sua interação social. Essas escolhas resultavam em vários saberes e estratégias empíricas que foram consolidando diferentes técnicas. Nesse sentido, podemos dizer que as técnicas eram diferenciadas e circunscritas aos vários territórios, ainda condicionadas pela natureza, sendo portanto plurais.

Milton Santos, em sua obra "A natureza do espaço", acrescenta que os avanços das ciências possibilitam, por exemplo, que a humanidade mime-tize a natureza e desse modo crie novas e verdadeiras espaços-pretenses. O ar-condicionado enquanto imitação de um vento polar, uma lâmpada como imitação da luz solar, ou uma semente transgênica capaz de imitar qualidades de sementes naturais são exemplos de como o espaço está cada vez mais impregnado de ciência e informações.

Santos afirma que as técnicas existiam como rupturas programadas, construindo um sentido de libertação da natureza. Porém, no momento em que os encontros, contatos civilizatórios foram ocorrendo, simultaneamente ocorreu uma sobreposição de técnicas mais abrangentes sobre técnicas menos abrangentes. A acumulação desigual das técnicas no espaço torna-o simultaneamente produtor e produzido, na medida em que ele condiciona a reprodução de si, ou seja, orienta o movimento de uma totalidade a outra. É nesse momento em que a técnica se combina a ciência e o espaço, impregnado de racionalidade, direcionando a uma universalização das técnicas, ou seja, ocorre uma padronização do "modus operandi" do capitalismo global para facilitar a troca de marca-

doria, Capitais e informação.

Horkheimer, da Escola de Frankfurt, narra a existência de uma "racionalidade instrumentalizada" que regula o sistema técnico e proporciona-lhe uma dinâmica própria. Essa ideia se aproxima do que Santos chama de "unicidade técnica" que regula e condiciona a reprodução do espaço imprimido-lhe uma lógica única calcada na produção, distribuição e consumo.

Para Santos a informação é o último componente a se inserir no meio e é hoje o motor fundamental do processo social responsável por fundar novos territórios. Tanto o campo quanto a cidade são remodelados pela técnica, pela ciência e pela informação e esses três componentes possuem uma abrangência mundial a partir do aprofundamento do processo de globalização, ainda que a incidência desses componentes seja diferenciada e desigual no espaço-mundo.

Ana Clara Torres Ribeiro (1991) chama a atenção de dois pilares que antecedem a expansão do meio técnico-científico-informacional: a tecnosfera e a psicofera. Essas esferas introduzem uma racionalidade no próprio conteúdo do território, alterando-lhe também a forma e quando automatizam no processo de reprodução territorial.

Rogério Harbaert, em "O mito da desterritorialização", diz que apesar do aprofundamento da globalização neoliberal e da aparente diminuição do Estado e do negligenciamento do território, o que de fato ocorre é um processo de desterritorialização seguido de uma reterritorialização, ou seja, um arranjo não mais baseado no território contínuo e contíguo, mas sim um "território-rede" produzido a partir da fluidez operada pelo meio técnico-científico-informacional.

② A emergência do meio técnico-científico-informacional faz surgir novas territorialidades em escala global sobretudo por conta de dois fatores que surgem simultaneamente: um fator político-econômico e um fator sócio-cultural.

A globalização neoliberal produz um processo de aproximação dos mercados que foi permitido pelo avanço dos transportes e das comunicações ao longo do século XX de maneira ainda mais acelerada que nos séculos anteriores. Esse processo, antes de tudo econômico, criou uma série de desdobramentos políticos, resultando na formação de blocos econômicos, organizações internacionais, acordos e tratados que em última instância querem assegurar o protagonismo do capitalismo e a hegemonia da economia de mercado na escala global.

A organização empresarial em um modelo de "território-rede" redistribui o processo de produção industrial, cria novas formas de gerenciamento do capital e realocaliza as forças de produção ao propor uma nova distribuição internacional do trabalho. A "compressão espaço-temporal" difundida por David Harvey faz aumentar a circulação de mercadorias, pessoas e capitais pelo mundo, mas também aprofunda a concentração de riqueza e faz surgir novas barreiras (burocráticas, políticas ou atomizadoras).

As cidades globais assumem o papel de comando da economia mundial e o capitalismo financeiro as fazem o principal "nó" de articulação dos capitais especulativos, redes de transnacionais e poder de decisões políticas da economia-mundo.

Por outro lado a consolidação do meio técnico-científico-informacional contribui para a formação de novas redes, antes subalternizadas, mas que agora podem se apropriar dos meios tecnológicos hegemônicos e produzir novas territorialidades a partir de solidariedades articuladas entre movimentos sociais e organizações civis de todo o mundo.

O surgimento do Fórum Social Mundial em Porto Alegre em paralelo a reunião do Fórum Econômico Mundial de Davos é um exemplo claro de como o meio técnico-científico-informacional pode ser

operado de maneira contra-hegemônica. Da mesma maneira, a tecnologia advinda do uso do celular e a possibilidade de registro visual on-line com transmissões ao vivo acabam por cumprir papel de denúncia de abuso de poder por parte de autoridades. A primavera árabe e os movimentos no Egito, Tunísia e Síria se utilizaram de redes sociais e da internet como instrumentos de resistência a ditaduras que estavam no poder a décadas.

A produção de conteúdo independente nas favelas do Rio de Janeiro ou nos enclaves periféricos da Nigéria ou da Índia conseguem alcançar números de visualizações em sites e plataformas digitais nunca antes imaginado. A simultaneidade de espaços e a instantaneidade dos tempos possibilitam a difusão de informações numa escala global e em um tempo recorde, o que é em certo aspecto revolucionário. Ainda que essa rede possa servir para a difusão de pós-verdades, ela abre um precedente histórico de facilitação do acesso a informações e reprodução cultural.

③ Na medida em que a distribuição do meio técnico-científico-informacional é desigual e concentrada, acaba também por expor as desigualdades socioambientais do Brasil.

O surgimento de "regiões concentradas", como afirma Milton Santos, está intimamente ligado ao desenvolvimento desigual do território brasileiro e isso se deve a forma como o processo de colonização se deu no país, somado a inserção que o Brasil teve e ainda tem na economia mundial.

A colonização baseada em um modelo de exploração privilegiou a criação de uma estrutura fundiária baseada na grande propriedade com produção voltada para o mercado externo (inicialmente Portugal, mas após o fim do pacto colonial continuou tendo como destino a Europa). Esse modelo fez surgir cidades portuárias em todo litoral brasileiro, cidades essas que passaram a concentrar riqueza e pessoas.

Nos séculos subsequentes o Brasil manteve um modelo agroexportador e consolidou grande parte da elite nacional em cidades litorâneas em detrimento de um desenvolvimento nacional e integração do território.

O interior do território brasileiro ficou marcado pela produção agropecuária, pelo extrativismo vegetal e pela mineração, fazendo surgir "ilhas econômicas" pouco integradas ao restante do território.

A mata atlântica foi o primeiro bioma a sofrer intervenção diante do avanço da colonização portuguesa, primeiramente com a extração do pau-brasil e posteriormente com o avanço do cultivo da cana-de-açúcar. O avanço da frente extrativista das drogas do Sertão e mais recentemente do látex e dos garimpos afetaram a região amazônica. As madeiras do leste do Pará já produziram danos significativos à floresta.

O avanço do meio técnico-científico-informacional nos campos resultaram em um grande êxodo rural e no crescimento descontrolado das metrópoles. O avanço da fronteira agrícola da soja originada na região Sul do país em direção ao cerrado do Centro-Oeste e trechos do Nordeste consistem no maior atropelo de um bioma face a uma monocultura.

Os maiores impactos socioambientais são registrados e sentidos exatamente por aqueles que buscam no meio ambiente manter o seu "território-mínimo", ou seja, a condição essencial para continuarem existindo enquanto um grupo social. Refere-se a população indígena, aos quilombolas, aos camponeses e aos "povos da floresta" como dizia Chico Mendes.

O avanço do meio técnico-científico-informacional só não irá entrar em conflito com o meio natural quando a lógica do consumo for substituída pela lógica da "abundância" (Marshall Sahlins), ou quando a lógica do desenvolvimento econômico for substituída pelo "desenvolvimento como liberdade" (Amartya Sen) ou ainda pela de "desenvolvimento" (Serge Latouche), em que a satisfação das necessidades não se dá pela livre apropriação e exploração da natureza, mas combinando técnica, ciência e informação para promover uma sociedade mais justa.